

A todos aqueles que me acompanharam e à vida... que sempre me deu tanto.

RC



O modo de entendimento

O entendimento da arte criadora de Roberto Chichorro marca fortemente os espectadores da sua obra. O impulso fecundo do seu traço, que nos oferece uma partilha universalmente de África, a sua, enlaça-nos numa rede labiríntica de emoções, sentidos e possibilidades, onde os pássaros, os sapatos, ou a sua ausência, as gaiolas, as sombras, os animais, o feminino, por vezes exposto na sua génese mais pura, oferecem-nos possibilidades de sentidos e emoções densos e também rarefeitos, capazes de nos fazerem atravessar qualquer espaço ou tempo.

Gosto do Roberto, o homem que não se deixou passar pelo crivo dos movimentos, sempre capaz de ilustrar uma cultura de realidades factuais, ensombrado por uma criatividade muito própria de quem sabe onde está e para onde quer ir, para aí ficar....

Quando olho um quadro de Roberto Chichorro fico entre os limites do conceito da poesia e de todas as formas de expressão. Um corpo, um espaço, uma cena narrativa, falsamente, uma interrogação, sempre, uma individualidade ou pluralidade...

Os teus traços, Roberto, também mostram recordações, aquelas que pulverizam a realidade! Fico nesta minha razão maior, a de te sentir um mágico, capaz de reunir na pintura a expressão dos que no movimento do teu traço se tornam mágicos, fechando o círculo.

Avelina Ferraz



No atelier de Cascais



No atelier de escultura de Abraham Dubcovsky em Madrid

De novo sobre Roberto Chichorro

Uma nova mostra da pintura de Roberto Chichorro é sempre um evento notável, esperado por amigos e apreciadores da sua arte, cada vez mais numerosos, daqui e dali, num mundo a regressar de novo a fronteiras perigosas. Esta exposição que agora nos propõe será como que uma última da sua iniciativa. Está ele a querer dizer, sem deixar, no entanto, assim o desejamos, as tintas, os pincéis e as telas, até porque será incapaz de abandonar, salvo por motivos não desejáveis, os odores dos óleos, de tal modo terá ficado viciado, o que, para nós, seus admiradores, é um alívio.

Já lá vão mais de 50 anos desde a apresentação ao público das suas primeiras pinturas! Do final dos anos 50 e no decorrer da década de 60, período que marca o aparecimento dos movimentos nacionalistas nas ex colónias portuguesas, vão surgir jovens que incorporam o movimento artístico nas artes plásticas, literatura, música e teatro, muitos deles como autodidactas.

Desde essa data fundacional, Chichorro percorreu um longo caminho, num desbravar de temas pictóricos e poéticos caros aos humanos, ilustrando as suas alegrias, os seus desejos, os seus sonhos alados, ou seja, através das cores e das formas, a transmitir pela tela evocações telúricas da vida e preservar a memória da infância e juventude. Fabricando imaginações. Numa renovada repetição permanente. Numa estética emocional muito sua. Num diálogo de afectos. De melodias. Numa ilustração do que era a nossa utopia.

Um longo meio século decorreu, tempo que foi de extraordinários e acelerados acontecimentos políticos, culturais, climáticos e dos nossos modos de viver. Meio século de cruzamento de rotas para todos nós. E para ele, cirandadas também em andanças de andarilho. Mas dessas caminhadas e dos diversos contextos e transformações do

mundo falará talvez alguém um dia. Da representatividade plástica da arte de Chichorro, tornado vulto das artes, estamos a falar agora.

Ao longo de todos estes anos, - o de 1978 seria para ele muito significativo -, as telas do artista renovam numa linguagem e colorações próprias, um universo cheio de musicalidades oníricas, numa representação teatral de memórias da infância e da juventude, da dele e das nossas. De uma localidade imagética a um apelo universalizante.

É uma pintura que foi nascida num tempo e num espaço, mas que transcendeu esse tempo e esse espaço e se tornou para além dessa primitiva pintura. Transformada num ethos fabuloso transmitido pelas cores e pelas composições que vão para além das próprias histórias que lhes deram origem, e se transformou poeticamente em manifestações da existência, oníricas e surreais. Num intenso colorido. Num cromatismo que cativa imediatamente o observador. Também pelo gesto livre e intuitivo do pintor.

Os próprios títulos que o artista dá às suas composições designam maravilhosamente bem essas magias.

Pintura cantada por poetas, «poética, porque sim!» como afirma um seu amigo, num esplendor. Louvada por críticos, daqui e de além. Sem fronteiras. Sobre o que resta do lúdico dos dias, nestes excessos de vanguardismos culturais e comportamentais dos servants of the power, que não se dão conta das continuidades e mudanças das entidades sociais e culturais.

A sua pintura é uma dança de cores bem fortes, onde a família dos azuis se dá a ver ludicamente ao vermelho, despertando verdes aqui e além e várias tonalidades contrastantes do rosa, mais os brancos certamente localizados. E pretos por igual. Numa musicalidade de blues, prenhe de lirismo, a vibrar, mas suave. Quente. Mas de um calor que faz bem aos olhos e à alma. Numa linguagem e gramática próprias. Com vocabulários para uma feliz escrita pintada.

Num bailado de formas alumbradas e sensuais. Do seu mundo. Do

nosso. Mas quem olha ainda as noites ensolaradas de Lua, como escreveu alguém, e o reflexo da sua luz numa ciranda sobre as águas mansas da baía? De uma cultura crioula para além do pósmoderno. Apologética. De voluptuosidades melancólicas. De dualidades. Sem temor de discursos sociais ou em torno deles: políticos, identitários e raciais. Vigentes. Chichorro é uma referência no mundo da nossa pintura. Da nossa Utopia. Parafraseando um amigo, estamos já no segundo decénio do século XXI, que nos apresenta uma tecnologia avassaladora, uma globalização desgobalizada, um terrorismo insistente, umas alterações climáticas impensáveis, e receios de novos conflitos armados generalizados para além dos que são insistentes localmente. Que vivemos. Que tememos. A Humanidade, diversa e contraditória, continua à espera que uma nova ordem possa tornar o mundo mais feliz. Com música e pintura. Com a arte de Roberto Chichorro, certamente. Para que cheguem tempos sem tempo onde sempre seja possível a espera da esperança, utópica, como os artistas nos sabem descrever.

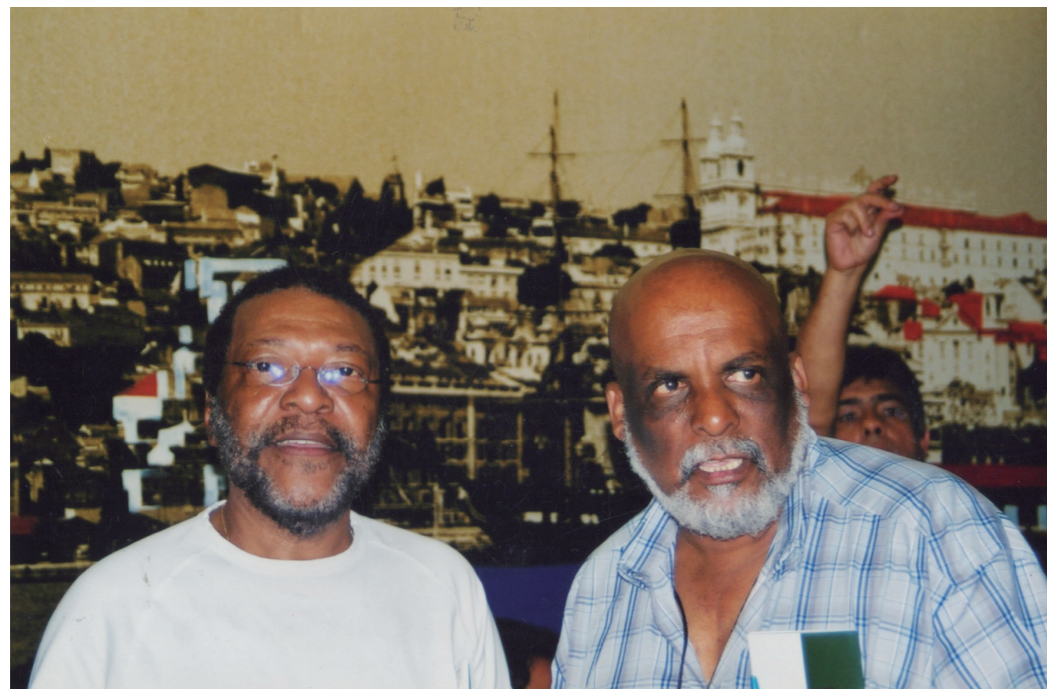
Eduardo Medeiros



Com Ricardo Rangel (fotógrafo) e Virgílio de Lemos (poeta)



Inauguração de uma exposição na galeria de Colares, com interpretação musical cabo-verdiana



Com Martinho da Vila (cantor brasileiro)



Num jantar com amigos, entre os quais José Luís Costa Carneiro (jornalista) e a mulher Maria João Carvalho